



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A ecopedagogia do cuidado em Leonardo Boff

The eco-pedagogy care in Leonardo Boff

Alonso S. Gonçalves*

Resumo

Já faz algum tempo que autores vêm indicando novos rumos para o debate em torno da educação. Partindo de um cenário que, cada vez mais, segrega os que pouco têm, a educação continua sendo um fator preponderante no aprimoramento da cidadania e conscientização dos direitos civis. Nesse contexto, Leonardo Boff traz uma importante contribuição para o debate educacional quando propõe o *cuidado* como chave de comportamento do ser humano para com os outros, como também para com o planeta Terra. Partindo da concepção de *ecopedagogia*, o artigo pretende trazer as concepções do teólogo brasileiro diante de um cenário de *globalização* em seus aspectos negativos, por não favorecer o desenvolvimento de seres humanos desprovidos de bens materiais, prejudicando, assim, uma inserção política e social. A *esperança* em poder contribuir para um horizonte mais solidário e humanizador nas relações humanas motiva o nosso texto.

Palavras-chave

Educação. Pedagogia. Ecologia. Globalização.

Abstract

For some time authors are indicating new directions for the debate around education. Based on a scenario that increasingly segregates the ones who don't have much, education continues to be a major factor in the improvement of citizenship and awareness of civil rights. In this context, Leonardo Boff makes an important contribution to the educational debate in proposing *care* as a key for human behavior regarding others, and also regarding the planet Earth. Starting from the concept of *eco-pedagogy*, this essay presents the thoughts of the Brazilian theologian before a backdrop of *globalization* in its negative aspects, for not to encourage the development of human beings devoid of material goods, thereby causing injury, social and political insertion. The *Hope* to be able to contribute to a more united and humanizing horizon in human relations motivates our text.

Keywords

Education. Pedagogy. Ecology. Globalization.

[Texto recebido em fevereiro de 2015 e aceito em junho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestre em Ciências da Religião (UMESP). E-mail: alonso3134@hotmail.com

Considerações Iniciais

A *modernidade*, enquanto produtora de conhecimento e ideologia, teve como patrocinadores Francis Bacon e René Descartes, seus principais expoentes, fornecendo subsídios teóricos para o desenvolvimento científico. O primeiro viveu na opulência econômica da Inglaterra e elaborou um método científico que ia além da mera análise empírica. Para Bacon, a natureza deveria ser dissecada, inquirida, como se faz com um réu no tribunal, para tirar dela todas as suas possibilidades.¹ Quanto ao segundo, Descartes concebeu o ser humano como uma máquina e o cérebro como o único meio de interação e conhecimento.²

Quando se estabeleceu a relação do ser humano com o mundo sob o paradigma do sujeito-objeto, inaugurou-se uma ideologia, a de que a ciência triunfa sobre a natureza, ignorando os seus limites e espaços. A proposta da *modernidade* foi subjugar a natureza ao conhecimento científico, não se importando com as consequências advindas disso. Não havia uma preocupação ecológica, o interesse era desvendar a natureza e tirar dela todo o proveito possível para o desenvolvimento econômico e científico, dentro do entendimento e do *ethos* cultural da época. Hoje colhemos as consequências desse comportamento cultivado ao longo dos séculos.

Uma dessas consequências é a *insensibilidade social*. A defesa do livre mercado, que muitos pensadores propõem, se traduz no sofrimento dos menos competitivos, dos pobres e excluídos do mercado, como um *fator* necessário para a modernização e o progresso econômico.³ Não é sem razão que a *escola*, tal qual a conhecemos, nutra uma forte inclinação a ser meramente *tecnicista* em sua formação, com as devidas influências, ao longo do processo educacional brasileiro, do *iluminismo*.⁴ Daí frases como essas: “a escola deve formar para responder competitivamente às demandas do mundo produtivo”, ou ainda: “uma boa escola é aquela que permite uma rápida inserção dos alunos no mercado de trabalho”,⁵ tornam-se máximas na missão do educador, tendo o educando, na linguagem freireana, apenas uma *educação bancária*, como mero receptáculo de cálculos e fórmulas que têm como objetivo maior a promoção profissional. Obviamente tais observações não significam o menosprezo das ciências exatas e seus, com ambiguidade, benefícios para a sociedade, o que está se levantando é a supremacia de tais concepções que insistem em desconsiderar o ser humano na sua integralidade, ou seja, como um nó de relações e complexidade.

¹ BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Cláudio. *Breve história da ciência moderna: das máquinas do mundo ao universo-máquina* (séc. XV a XVII). Rio de Janeiro: Zahar, 2004. v. 2. p. 54.

² BRAGA; GUERRA; REIS, 2004, p. 98.

³ MO SUNG, Jung. *Educar para reencantar a vida: pedagogia e espiritualidade*. 3. ed. São Paulo: Reflexão, 2012. p. 90-91.

⁴ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 27-28.

⁵ GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 20.

A contribuição de Leonardo Boff é bem-vinda nesse cenário. O teólogo catarinense vem se destacando como um pensador perspicaz quando o tema é *ecologia* e preservação do *meio ambiente*. Assunto este que permanece em pauta em importantes fóruns de debate, principalmente em setores da Organização das Nações Unidas (ONU). A fim de diminuir o “reducionismo utilitarista que nos interpela moralmente ao redefinir o papel social da educação e das instituições escolares”,⁶ Boff propõe uma reflexão a partir do *cuidado* como chave ecológica e pedagógica frente ao fenômeno da *globalização*.

Educação e globalização

Como bem salienta Zygmunt Bauman, “a *globalização* está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema”.⁷ Como “ordem do dia”, a *globalização* tem as suas ênfases, dependendo do articulador. De um modo geral, a descrição que Liszt Vieira apresenta dá a dimensão do que seja a *globalização*:

*A globalização é normalmente associada a processos econômicos, como a circulação de capitais, a ampliação dos mercados ou a integração produtiva em escala mundial. Mas descreve também fenômenos da esfera social, como a criação e expansão de instituições supranacionais, a universalização de padrões culturais e o equacionamento de questões concernentes à totalidade do planeta (meio ambiente, desarmamento nuclear, crescimento populacional, direitos humanos etc.). Assim, o termo tem designado a crescente transnacionalização das relações econômicas, sociais, políticas e culturais que ocorrem no mundo.*⁸

A descrição que Vieira oferece coloca a *globalização* como um fenômeno inescapável; algo irremediável. Embora o conceito tenha diversas interpretações, como a do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, que entende *globalização* não como um conceito hegemônico e unívoco, sendo ainda um “localismo globalizado e globalismo localizado”, ou seja,

*o primeiro se refere à globalização bem sucedida de um fenômeno local, como, por exemplo, a atividade mundial de empresas multinacionais, a transformação da língua inglesa em língua franca [...]. Já o globalismo localizado diz respeito ao impacto específico de práticas transnacionais sobre condições locais se desestruturam ou se reestruturam para atender aos imperativos transnacionais.*⁹

De qualquer modo, a *globalização* é associada ao fenômeno do *consumo*, onde o *capital* exerce o fascínio do progresso da humanidade. Milton Santos se recusa a aceitar

⁶ GENTILI; ALENCAR, 2012, p. 20.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 7.

⁸ VIEIRA, Liszt. *Cidadania e globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 72-73.

⁹ VIEIRA, 2001, p. 73.

terminantemente os “benefícios” da *globalização* tal qual se apresenta hoje, uma vez que para ele a proposta da *globalização* é uma falácia, e sentencia:

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são profundas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço de atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.¹⁰

Essa leitura de Santos tem o seu reflexo, indiscutivelmente, na *educação*. Ocorre um reducionismo no processo educacional como se a maior preocupação fosse apenas o aspecto profissional: “sem tocar nem um pouco sobre o sentido da vida e da pessoa humana que está sendo construído no atual processo de *globalização* é dar como inquestionável os fundamentos antropológicos e o sentido de vida da atual sociedade capitalista”.¹¹

A *educação*, no processo de *globalização*, nas análises de Mo Sung, não propõe uma dimensão de humanização que contemple a vocação do ser humano em “ser melhor” no sentido de se *humanizar* mais.¹² Há, no processo de *globalização*, uma outra concepção de desenvolvimento humano. O modelo apresentado não engloba o *humanizar*; não agrega a *alteridade* como elemento de relações humanas. Pelo contrário, o *desenvolvimento* que a *globalização* sustenta é “sinônimo de crescimento econômico, de modernização industrial, de progresso tecnológico e de acumulação ilimitada de bens materiais”.¹³

É possível refletir em um *modelo* educacional que favoreça a construção ética do ser humano? Seria a *globalização* um fenômeno que não se pode evitar? No sentido de ser impraticável um comportamento contrário à hegemonia *global*? Por entender que sim, é possível, autores como Leonardo Boff se propõem a pensar no tema, uma vez que para eles a *educação* não se resume em *capacitação*, mas algo que vai muito além disso.¹⁴

A contribuição de Leonardo Boff para o debate ecológico é notória. Quando o mundo foi alertado com respeito à finitude das riquezas naturais e as possíveis consequências do uso predatório e indiscriminado das fontes de energia, sendo uma dessas consequências o *aquecimento global*, que não é unanimidade entre cientistas sobre as reais causas de tal fenômeno, Boff já refletia e comunicava suas intuições em diferentes lugares e publicações.

¹⁰ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 19.

¹¹ MO SUNG, 2012, p. 57.

¹² MO SUNG, 2012, p. 58.

¹³ ARRUDA, Marcos; BOFF, Leonardo. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 11.

¹⁴ ARRUDA; BOFF, 2000, p. 21.

Como autor, Boff tem procurado trazer para um público cada vez maior as consequências de um caminho que a sociedade *globalizada* trilha, do *consumo* como único sentido da vida. Para confrontar tal perspectiva, ele vem propondo uma reflexão séria e contundente: é preciso rever os valores e os comportamentos da nossa civilização, pois não teremos outra Terra.¹⁵

Uma ferramenta indispensável para tal conscientização é, indubitavelmente, a *educação*. Boff vê a *educação* como uma chave de leitura do (para o) mundo no sentido de despertar um *espírito* crítico e criativo: “a *educação* demanda iniciar criativamente as pessoas na realidade do mundo e no jogo da vida onde se realiza a convivência humana”.¹⁶

Ecopedagogia do cuidado

O conceito de *ecopedagogia* ainda é recente na linguagem educacional. A sua reflexão ainda se dá mais como uma iniciativa do que, propriamente, como uma construção teórica e prática, embora contemple as duas coisas quando se pensa em um futuro possível. Assim,

a ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global onde a preocupação não está apenas na preservação da natureza (Ecologia Natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (Ecologia Social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portanto, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje.¹⁷

Partindo dessa definição de *ecopedagogia*, fazemos uso das reflexões de Leonardo Boff, delimitando, dentro da sua extensa produção, a ideia do *cuidado*, por entender que Boff contribui para que as relações humanas sejam mais fraternas e solidárias em um contexto marcado pelo consumo e o capitalismo neoliberal. Uma vez que a *ecopedagogia* “está mais para uma educação sustentável, para uma ecoeducação, que não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com nossa existência, a partir da vida cotidiana, e que este sentido está intimamente ligado ao futuro de toda Humanidade e da própria Terra”,¹⁸ que a dimensão do *cuidado* se torna indispensável nas relações humanas e ambientais.

¹⁵ BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9.

¹⁶ BOFF *apud* SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 8.

¹⁷ HANSEN, Karla. O que é ecopedagogia? 2006. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0118.html>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

¹⁸ HANSEN, 2006.

A *ecopedagogia* tem diferentes maneiras de trabalhar conceitos ambientais como “consciência planetária, cidadania planetária, defendendo uma verdadeira revolução pedagógica e curricular tendo como centro a formação de indivíduos que sejam cidadãos do mundo”.¹⁹ Diante dessa abertura, no sentido de uma diversidade de concepções e interesses, não foi possível, até o momento, constatar um ponto que desse (ou tentasse dar) conta do conceito *ecopedagogia*.

A concepção boffiana do *cuidado* pode ser uma *categoria* que favoreça um ponto de partida para a *ecopedagogia* no sentido de oferecer consistência reflexiva e um panorama proativo.

Com isso, não se pretende, nem mesmo poderia, limitar a *ecopedagogia* com uma categoria de leitura, aqui, no caso, o *cuidado*, mas antes oferecer uma chave de leitura que dê condições para “uma reorientação de nossa visão de mundo, uma reeducação para vivermos numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo”.²⁰

Pensemos na dimensão do *cuidado* em Leonardo Boff. Há dois livros que o teólogo dedica ao tema do *cuidado*: *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*²¹ e *Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*.²² Ambos complementam-se, sendo que o primeiro é o mais sistemático, tendo um retorno expressivo quando de sua publicação.

Em ambos os textos, Boff faz uma leitura do planeta e das relações humanas e suas conclusões alertam para a destruição do planeta e das relações humanas, sendo um dos maiores pivôs dessa crise a *globalização*.

Diante dos problemas de diferentes vertentes, econômico, social, ambiental e político, que a *globalização* torna evidente, Boff alerta: “ou cuidamos da vida em todas as suas formas, especialmente da vida humana, e de nossa Casa Comum, a Terra, ou podemos pôr em risco a nossa presença neste planeta”.²³

A categoria do *cuidado* é a chave que Boff vê para que haja “uma relação amorosa, respeitosa e não agressiva para com a realidade e, por isso, não destrutiva”.²⁴ Aqui *cuidado* se torna um *paradigma*, como em Thomas Kuhn, para quem os *paradigmas* são os pressupostos da ciência, onde ela (a ciência) busca as soluções dos problemas e, a partir de então, formula leis, teorias, explicações e modelos.²⁵ Para Boff, o *cuidado* seria “um

¹⁹ HANSEN, 2006.

²⁰ HANSEN, 2006.

²¹ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

²² BOFF, Leonardo. *Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

²³ BOFF, 2012, p. 19.

²⁴ BOFF, 2012, p. 20.

²⁵ KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a Terra e para com os seres humanos”.²⁶

O *cuidado* para Boff se dá como uma *fenomenologia*, ou seja, “a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o *cuidado*, se torna um fenômeno para a nossa consciência, se mostra em nossa experiência e molda a nossa prática”.²⁷ Quando ele entende *cuidado* como um fenômeno, não há sentido em dizer que o *cuidado* é algo “fora” da realidade humana, como se fosse algo independente do ser humano. Assim, para Boff, o ser humano não tem *cuidado*, antes, ele é *cuidado*. A partir disso, Boff entende que o *cuidado* “possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano”.²⁸ Para fazer essa afirmação, ele traz a reflexão filosófica de Martin Heidegger e sua obra *Ser e tempo*,²⁹ na discussão quanto à *cura*, preferência de Márcia Sá Cavalcante Schuback quando traduziu a palavra *Sorge*, que pode ser também traduzida por *preocupação*, como “uma marca fundamental da *conditio humana*”.³⁰

O *cuidado* carrega, como categoria de pensamento, duas significações, segundo Boff: solicitude e atenção ao outro; preocupação e inquietação.³¹ Essas duas características do *cuidado* se chocam com o atual momento da sociedade que tem na publicidade – “que hoje recebe nada menos que um de cada cinco dólares investidos no mundo, é instrumento de *educação*: educação para a egolatria, que cristaliza o individualismo como valor”³² – a mais forte fonte divulgadora do *sonho* capitalista, consumir. Um tempo dominado pelo ter, cuja máxima é: “o que importa é viver intensamente cada momento da vida; viver para si mesmo, não para os outros”.³³ Diante dessa crença, que cada vez mais se torna hegemônica, a dimensão do *cuidado* não teria espaço e sentido. É nesse cenário que Boff sustenta: “a busca do progresso e da acumulação de riqueza pressupõe dominação da natureza e exploração de seus bens e serviços, de forma ilimitada e sem qualquer cuidado com os limites dos ecossistemas”.³⁴ O cenário é desanimador e os sinais que o planeta está dando alertam a todos de que o progresso não levou em consideração a Terra. Assim, “o deus progresso está agonizante e prestes a morrer, e não inventaram outro deus-ídolo para substituí-lo e adorá-lo”.³⁵

Esse quadro será passível de mudanças quando o paradigma do *cuidado* for tema da educação, favorecendo assim uma *ecopedagogia* como condição de existência.

²⁶ BOFF, 2012, p. 21.

²⁷ BOFF, 2000, p. 89.

²⁸ BOFF, 2000, p. 89.

²⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

³⁰ SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2005. p. 198.

³¹ BOFF, 2000, p. 91-92.

³² GENTILI; ALENCAR, 2012, p. 102.

³³ AZEVEDO, Israel Belo de. *O olhar da incerteza: crítica da cultura contemporânea*. São Paulo: Prazer de Ler, 1998. p. 18.

³⁴ BOFF, 2012, p. 71-72.

³⁵ BOFF, 2012, p. 77.

Para ser possível, é preciso cultivar ações pedagógicas em torno do tema *cuidado* – com o sistema-Terra; sistema-vida; sistema-sociedade³⁶ – com o propósito de tornar crianças em cidadãos conscientes do seu papel como seres de relações.

O conteúdo pedagógico contemplaria a *crítica*: fornecendo ao aluno condições de se apropriar do passado, “mas passando-o primeiro pelo crivo da crítica e só conservando o que efetivamente se apresentar como racional e razoável”.³⁷ Nesse currículo, a *criatividade* também não poderia faltar, porque, “além de incorporar o saber do passado, importa acrescentar-lhe algo novo, nascido do diálogo do ser humano com a natureza e com a história”.³⁸ Outro elemento pedagógico que Leonardo Boff incorpora para favorecer a dimensão do *cuidado*, é a *libertação*. Tendo Paulo Freire como interlocutor, Boff valoriza a contribuição freireana de “que educar é um processo político libertador”.³⁹ Processo esse que passa pela conscientização, ou seja, “é a ação que cria a consciência das contradições para rejeitá-las, e é a ação que busca uma forma de superá-las de maneira a não reproduzi-las, mas de inaugurar o novo”.⁴⁰

Uma *ecopedagogia* que tem no *cuidado* a sua principal categoria:⁴¹

- Resgataria a razão sensível e cordial;
- Incorporaria princípios básicos da ecologia;
- Apreciaria e conheceria a comunidade da vida;
- Desenvolveria uma espiritualidade cósmica;
- Cultivaria uma ética do cuidado.

Na *ecopedagogia do cuidado*, a educação não é um meio para se conseguir os bens – embora isso seja necessário para a sobrevivência –, de outro modo, o processo educacional não pode ser reduzido a uma “profissão”. Mais ainda, em uma educação onde a *ecopedagogia do cuidado* é cultivada, não seria mais possível ouvir instruções como essas: “se não estudar não vai conseguir um bom emprego e não vai poder comprar as coisas que você deseja comprar”.⁴² O sentido de estar em uma escola não pode ser reduzido apenas em estudar para ganhar mais dinheiro para consumir mais, é preciso “propor uma esperança na realização de um sentido mais humano para as nossas vidas, para a nossa educação e, assim, em uma sociedade mais justa, solidária e humana”.⁴³

³⁶ BOFF, 2012, p. 238.

³⁷ BOFF, 2012, p. 241.

³⁸ BOFF, 2012, p. 243.

³⁹ BOFF, 2012, p. 247.

⁴⁰ BOFF, 2012, p. 248.

⁴¹ BOFF, 2012, p. 262-264.

⁴² MO SUNG, 2012, p. 102.

⁴³ MO SUNG, 2012, p. 104.

Considerações finais

Embora o discurso soe um tanto *utópico*, a sua plausibilidade é bem real diante do atual contexto *globalizado*. E mesmo Leonardo Boff não chega a ser ingênuo em relação a isso, ele tem consciência de que precisa de muito mais para reverter, nem que seja um pouco, o atual quadro em que a sociedade do consumo se encontra. Mesmo diante de uma situação desanimadora, Boff não desiste de procurar contribuir para uma sociedade onde as necessidades sejam paritárias.

Uma *ecopedagogia do cuidado*, onde o meio ambiente seja um tema comum no cotidiano de uma escola e os alunos sejam estimulados a desenvolverem a tendência natural do *cuidado*, Boff entende que “a urgência dessa pedagogia do *cuidado* ainda não entrou na consciência coletiva”,⁴⁴ mas isso não impede de continuar lutando.

Referências

ARRUDA, Marcos; BOFF, Leonardo. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

AZEVEDO, Israel Belo de. *O olhar da incerteza: crítica da cultura contemporânea*. São Paulo: Prazer de Ler, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOFF, Leonardo. *Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Princípio de compaixão e cuidado*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Cláudio. *Breve história da ciência moderna: das máquinas do mundo ao universo-máquina (séc. XV a XVII)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. v. 2.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

⁴⁴ BOFF, 2012, p. 266.

HANSEN, Karla. O que é ecopedagogia? 2006. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0118.html>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MO SUNG, Jung. *Educar para reencantar a vida: pedagogia e espiritualidade*. 3. ed. São Paulo: Reflexão, 2012.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIEIRA, Liszt. *Cidadania e globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.